

OS POETAS NÃO MORREM

Manoel de Andrade

Em janeiro do Heraud. Mortos respectivamente aos 20 e 21 anos, Heraud e Rugama são os exemplos mais precoces, na América Latina, de poetas que caíram em combate, corrente ano comemorou-se na Nicarágua os 45 anos da morte do poeta e combatente sandinista Leonel Rugama, e no Peru, os 73 anos do nascimento do poeta e guerrilheiro Javier dando a vida por um sonho.

Leonel Rugama nasceu no Vale de Matapalos, em março de 1949, e aos 18 anos entra para a Frente Sandinista de Libertação Nacional, quando a Nicarágua vivia sob o tacão perverso da ditadura de Anastásio Somoza Debayle. Era o ano de 1967, quando os sandinistas declararam guerra aberta a Somoza e sob essa bandeira Leonel Rugama interna-se como combatente nas montanhas do país, onde escreve seus primeiros poemas.

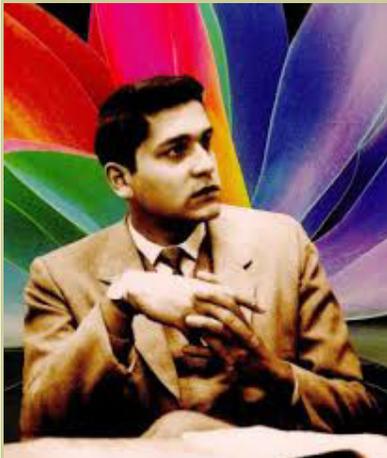


Leonel Rugama

Ingressa depois na Universidade Nacional, passa a dar aulas de matemática e publicar o jornal *El Estudiante*. Publica seus primeiros versos no Diário La Prensa e seu poema *La Tierra es un satélite de la Luna* é um dos mais difundidos na poesia latinoamericana. O cineasta e escritor nicaraguense Ricardo Zambrana fez um curta-metragem com o nome do famoso poema, onde mostra os últimos momentos de resistência de Rugama e seus companheiros, antes de caírem, em 15 de janeiro de 1970, cercados e metralhados por um batalhão de elite da Guarda Nacional de Somoza. O grande poeta e sacerdote da Nicarágua Ernesto Cardenal retrata, poeticamente, a imagem de sua inquebrantável bravura e o transe de sua morte em *"Reevaluación de Leonel Rugama"*. Honrou seu nome e a cidade de Manágua num poema chamado *"Oráculo sobre Managua"*, assim como gravou, declamando os versos de *La Tierra es un salétite da la Luna*.

Javier Heraud, nasceu em Lima, em 19 de Janeiro de 1942, e desde a juventude passou a tomar consciência de uma pátria ajoelhada ante os interesses imperialistas, acumpliciados com as burguesias urbanas e as oligarquias agrárias. O avançado ideário político vivenciado na Universidade de San Marcus, o histórico das lutas coloniais marcados pelo heroísmo libertário e o martírio de Túpac Amaru, as massas indígenas sangradas pela usurpação de suas terras, pela servidão desumana do trabalho no campo, o êxodo rural e a marginalização urbana sobrevivendo na miséria e na desesperança foram os ingredientes que determinaram o seu engajamento pelas causas sociais.

Heraud escreve seus primeiros versos aos 15 anos e aos 18 publica o primeiro livro: *El Rio*. Nesta mesma época seu segundo livro *El Viaje*, divide o primeiro prêmio com o poeta Cesar Calvo ao vencerem o concurso "El Joven Poeta del Peru".



Javier Heraud

Em 1961, é nomeado professor de literatura num importante colégio de Lima e no mesmo ano, a convite do Fórum Mundial da Juventude, viaja à União Soviética, estende seu roteiro por países da Ásia, chega à França onde visita o túmulo do poeta peruano Cesar Vallejo e tem um encontro com o jovem escritor Mario Vargas Llosa.

Depois de passar pela Espanha, volta ao Peru, e no ano seguinte recebe uma bolsa para estudar cinema em Cuba. Nesta época já se encontravam em Havana os revolucionários peruanos que iriam comandar as quatro frentes guerrilheiras que abririam as grandes trincheiras da guerrilha peruana em 1965, entre eles Luis de la Puente Uceda, Guillermo Lobatón, Gonzalo Fernández Gasco e Hector Béjar. Após percorrer os caminhos da Revolução Cubana pela Sierra Maestra, o grupo de 40 bolsistas, ao qual estava integrado Javier Heraud, decide preparar-se militarmente para voltar ao Peru como combatentes.

No início de 1963, o grupo, sob o comando de Hector Béjar, deixa Havana e através de Praga e Paris chega ao Rio de Janeiro. No dia 19 de janeiro, Heraud comemora seus 21 anos na passagem clandestina por São Paulo rumo ao Peru, para unir-se às forças de Hugo Blanco no vale de La Convención, em Cusco. Foi no curso dessa longa caminhada durante cinco meses por cidades, vilarejos e pela selva peruana que o poeta, inspirado pela fé revolucionária e pelo sonho

de redenção social dos indígenas e camponeses, secularmente explorados e humilhados em seu país, transforma em versos suas esperanças e sua entrega incondicional à causa revolucionária:

*Porque minha pátria é formosa
como uma espada no ar
e tão grande agora e ainda
mais bela
eu canto e a defendo
como minha vida.(...)*

Em 14 de maio, a vanguarda tática à qual pertencia Javier Heraud chega a Porto Maldonado e lá são abordados pela polícia. Nesse enfrentamento a tiros, um sargento cai morto e os guerrilheiros se dispersam em varias direções. No dia seguinte, fugindo em direção ao rio Madre de Dios, Javier Heraud e Aláin Elías tentam escapar numa canoa, mas são alcançados por uma lancha militar que chega atirando. Ambos levantam as mãos, acenam a rendição com uma camisa, mas são abatidos pelas armas de grosso calibre dos militares e fazendeiros.

Depois de sua morte, o Exército de Libertação Nacional do Peru (ELN) em que o poeta militava, passou a chamar-se *Guerrilha Javier Heraud* e retomou a luta em 1965, comandado por Hector Béjar. Laureado como ensaísta com o Prêmio Literário Casa de Las Américas e atualmente sociólogo, catedrático da Universidad de San Marcus e conferencista internacional, Béjar, referindo-se tempos depois ao poeta, declarou:

(...)“Creio que Javier é um caso extraordinário em que a poesia e a revolução se entrelaçam com uma força sem precedentes na nossa história. Javier continuou a escrever até mesmo na guerrilha (...)

Um mês depois da morte, em uma homenagem universitária em Lima, feita à memória do poeta, o grande escritor peruano José Maria Arguedas declarou: *(...) “E agora me permitam dizer algumas palavras sobre o puríssimo poeta Javier Heraud, cuja afeição ganhei honestamente.*

Tendo em conta a personalidade de Javier Heraud, apenas duas possibilidades lhe foram oferecidas no Peru: a glória literária, ou o martírio. Preferiu a mais árdua, a que não oferece as recompensas à que humanamente aspiram quase todos os homens. É raro que num país como o nosso se apresentem exemplos como este.

Até o dia de hoje, os que têm a responsabilidade do governo e do destino do Peru, não permitiram um único campo de ação sequer para aqueles que anseiam a verdadeira justiça, ou seja, o caminho aberto para a igualdade econômica e social que corresponda à igualdade da natureza humana; esse caminho é o da rebelião, do assédio e o da morte. Javier o escolheu, mas não nos esqueçamos que ele foi forçado a escolher. Talvez tivesse agido de forma diferente em um país sem tanta crueldade para os despossuídos, sem a crueldade que se requer para manter as crianças escravas, "colonos" escravos e "barriadas" onde o cão sem dono e a criança abandonada comem o lixo, juntos.(...)

Acho que Javier encontrou a imortalidade verdadeira, aquela que a poesia, por si só, quem sabe não lhe teria dado. Não o esqueçamos.” (...)

No mês seguinte ao seu assassinato, Pablo Neruda escreveu à família do poeta:

Universidade do Chile

Ilha Negra, junho de 1963

Li com grande emoção as palavras de Alejandro Romualdo sobre Javier Heraud. Também o valioso exame de Washington Delgado, os protestos de Cesar Calvo, de Reinaldo Naranjo, de Arturo Corcuera, de Gustavo Valcárcel. Também li o comovente relato de Jorge A. Heraud, pai do poeta Javier.

Sinto que uma grande ferida foi aberta no coração do Peru e que a poesia e o sangue do jovem caído seguem resplandecentes, inesquecíveis.

Morrer aos vinte anos crivado de balas "desnudos e sem armas no meio do rio Madre de Dios, quando estava à deriva sem remos ..." o jovem poeta morto ali, esmagado ali naquelas solidões pelas forças das trevas. Nossa América escura, nosso tempo escuro.

Não tive a ventura de conhecê-lo. Pelo que vocês contam, pelo que choram, pelo que recordam, sua curta vida foi um deslumbrante relâmpago de energia e de alegria.

Honra à sua memória luminosa. Guardaremos seu nome bem escrito. Bem gravado no mais alto e no mais profundo para que continue resplandecendo. Todos o verão, todos o amarão no amanhã, na hora da luz.

Pablo Neruda

Vale a pena ampliar essa agenda para lembrarmos aqui de outros poetas que, na América Latina, também tombaram, executados cruelmente pelo arbítrio das ditaduras que mancharam com a mais refinada crueldade as trincheiras das lutas libertárias. Entre eles, vale citar os casos mais torturantes do poeta e guerrilheiro guatemalteco Otto René Castillo e do poeta chileno Ariel Santibañez.

Otto René Castillo nasceu em 1936, em Quetzaltenango, e pela sua precocidade revolucionária, aos 18 anos teve que asilar-se em El Salvador. Posteriormente, segue para a Alemanha como bolsista para estudar Letras em Leipzig. Em 1964, volta à Guatemala, reinicia sua vida política e cultural, publica o livro *Tecún Umán* e é nomeado diretor do Teatro Municipal da cidade de Guatemala. Sofre novo exílio e é escolhido pelas organizações revolucionárias da Guatemala como representante do país, no Comitê Organizador do Festival Mundial da Juventude a realizar-se na Argélia. Com essa missão, percorre a Alemanha, Áustria, Hungria, Chipre, Argélia e Cuba.



Otto René Castillo

Em 1966, volta clandestinamente ao país e integra-se na luta armada. No ano seguinte, é preso em combate, barbaramente torturado e mutilado na base militar de Zacapa. Ante seu silêncio, seu rosto era cortado com lâmina de barbear, enquanto um capitão do exército da Guatemala recitava com deboche os versos de seu famoso poema *Vamos patria a caminar*. Seus torturadores, perplexos frente sua inalterável resistência, passaram a queimar seu corpo num inenarrável e mortal suplício, entre os dias 19 e 23 de março de 1967.

Seu nome hoje é uma referência histórica na Guatemala, quer pela beleza de sua poesia, quer pela imagem do seu comprometimento político, aureolado com a coroa do martírio. O poeta e ensaísta salvadorenho Roque Dalton descreveu com as seguintes palavras os últimos momentos de seu camarada:

"Seus próprios verdugos testemunharam sua coerência e sua coragem ante o inimigo, a tortura e a morte: morreu como um inquebrantável lutador revolucionário, sem ceder um milímetro no interrogatório, reafirmando seus princípios embasados no marxismo-leninismo, em seu fervente patriotismo guatemalteco e internacional, em seu convencimento de estar seguindo – por sobre todos os riscos e derrotas temporais – o único caminho verdadeiramente libertário para nossos povos, o caminho da luta armada popular."

Ariel Dantón Santibañez Estay nasceu em 15 de novembro de 1948, em Antofagasta. Na adolescência panfletava seus poemas, bem como distribuía, na cidade, um jornal que ele mesmo datilografava. Cursou Pedagogia, em língua castelhana, na Universidade do Chile, em Arica, onde dirigia a *Revista Tebaida* e participava politicamente da vida acadêmica e do ambiente literário que contagiava toda a cultura da cidade, no fim da década de 60.



Ariel Dantón Santibañez Estay

A partir de 1970, alguns de seus poemas começam a ter destaque internacional, publicados na Argentina pela revista *Cormorán y Delfín*, bem como na revista *Nuevo Mundo*, em Paris. Dois poemas seus, "Ídolo roto" e "Esos viejos" aparecem na *Road Apple Review*, editada pela Universidade de Wisconsin, e a revista estudantil *Oclae*, de Havana, também publica seus versos.

No início de 1973, está em Cuba passando por treinamento militar, como militante do MIR (Movimiento de Izquierda Revolucionario). Volta ao Chile antes do golpe sangüinário contra Allende e em novembro daquele ano, é detido por três dias e torturado em Antofagasta. Entra na clandestinidade e posteriormente é preso em Santiago. Em 22 de dezembro foi visto entre os prisioneiros da Villa Grimaldi, as sinistras dependências usadas para interrogatório e tortura pelos agentes da ditadura de Pinochet. Não é difícil imaginar o que aconteceu a Ariel Santibañez ante a cultura de terror e assassinatos que se instaurou no Chile. Ariel desapareceu para sempre aos 26 anos e a obstinação com que se levanta atualmente a sua memória de poeta e de mártir se compara ao trabalho de pesquisa com que se constrói, no Peru, a imagem do poeta guerrilheiro Javier Heraud, Em dezembro de 2009, o ex-general Manuel Contreras recebeu a pena de cinco anos de prisão, em segunda condenação, pelo sequestro e desaparecimento do poeta Ariel Santibañez, em 13 de novembro de 1974.

Esta relação estaria incompleta se não nomeássemos também ao poeta peruano **Mariano Melgar**, preso e fuzilado em Umachiri, em 12 de março de 1815, aos 24 anos, quando lutava pela independência do Peru, assim como ao célebre poeta inglês **Lord Byron**, que morreu em Missolonghi, em 19 de abril de 1824, aos 36 anos, quando lutava pela independência da Grécia e, ainda, ao poeta andaluz **Federico Garcia Lorca**, que em 19 de agosto de 1936, aos 38 anos, caiu metralhado em Granada, como uma das primeiras vítimas da Guerra Civil Espanhola.

Os poetas não morrem jamais, seguem vivos no lirismo e na magia dos seus versos, na memória agradecida dos povos e nos registros indelévels da História.